



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

**JOSÉ VINICIUS FERREIRA DIAS**

**O AMOR PLATÔNICO EM DOM QUIXOTE DE LA MANCHA: O IMPULSO PARA  
AS AVENTURAS DO CAVALEIRO CERVANTINO**

**GUARABIRA - PB**

**2022**

JOSÉ VINICIUS FERREIRA DIAS

**O AMOR PLATÔNICO EM DOM QUIXOTE DE LA MANCHA: O IMPULSO PARA  
AS AVENTURAS DO CAVALEIRO CERVANTINO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras Português.

**Área de concentração:** Estudos Literários

**Orientador:** Prof. Dr. William Sampaio Lima de Sousa.

**GUARABIRA - PB**

**2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D456a Dias, José Vinicius Ferreira.

O amor platônico em Dom Quixote de La Mancha [manuscrito] : o impulso para as aventuras do Cavaleiro Cervantino / Jose Vinicius Ferreira Dias. - 2022.  
23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Prof. Dr. William Sampaio Lima de Sousa. , Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Banquete. 2. Platão. 3. Amor. 4. Dom Quixote. I. Título

21. ed. CDD 860

JOSÉ VINICIUS FERREIRA DIAS

**O AMOR PLATÔNICO EM DOM QUIXOTE DE LA MANCHA: O IMPULSO PARA  
AS AVENTURAS DO CAVALEIRO CERVANTINO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras Portugêses.

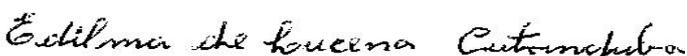
**Área de concentração:** Estudos Literários

Aprovada em: 04/04/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva (1º examinador/a)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Edilma de Lucena Catanduba (2º examinador/a)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A meu Deus, mãe, avó, pai, pelo amor,  
companheirismo e amizade, DEDICO.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>2 AS CONCEPÇÕES DE AMOR NA HISTÓRIA</b> .....	3
2.1 O amor na era pré-cristã .....	3
2.2 Amor como caridade .....	6
2.3 O amor moderno .....	7
<b>3 AS NOVELAS DE CAVALARIA</b> .....	9
<b>4 ANÁLISE TEXTUAL</b> .....	11
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	17
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	18

**O AMOR PLATÔNICO EM DOM QUIXOTE DE LA MANCHA: O IMPULSO PARA  
AS AVENTURAS DO CAVALEIRO CERVANTINO**

**PLATONIC LOVE IN DOM QUIXOTE DE LA MANCHA: THE BOOST TO THE  
ADVENTURES OF THE CERVANTINO KNIGHT**

José Vinicius Ferreira Dias\*

**RESUMO**

O presente trabalho analisa a relação amorosa entre Dom Quixote e Dulcinéia del Toboso mediante a obra *O Banquete* (2019), de Platão. Tem como objetivo central realizar uma análise interpretativa dos trechos da obra literária à luz do amor platônico, e de modo mais sintético, à luz da concepção amorosa do filósofo espanhol Ortega y Gasset (2019), que também possui uma visão essencialista acerca da experiência amorosa. Para a realização do trabalho, utilizamos basilarmente os conceitos teóricos apontados por Platão, na obra *O Banquete*, designada como uma das primeiras grandes obras a tratar de maneira filosófica sobre o assunto em questão e as contribuições de Dax Moraes (2019) acerca da história do amor, que, por sua vez, permitiu traçar uma linha cronológica sobre o tema, revelando, assim, as diversas concepções amorosas que surgiram, ao longo dos séculos. Desse modo, a pesquisa de cunho bibliográfica viabilizou uma análise qualitativa da obra magna de Miguel de Cervantes segundo as concepções platônica sobre o amor. Dada a relação intrínseca existente entre o amor platônico e o desejo amoroso na obra *Dom Quixote de La Mancha*, evidenciou-se, através dos trechos literários destacados, que o amor à Dulcinéia, impulsionou o cavaleiro a intentar restituir a idade de cavalaria.

**Palavras-chave:** banquete; Platão; amor; Dom Quixote.

**ABSTRACT**

The present work analyzes the love relationship between Don Quixote and Dulcinea del Toboso through Plato's *The Symposium* (2019). Its main objective is to carry out an interpretative analysis of excerpts from the literary work in the light of platonic love, and in a more synthetic way, in the light of the love conception of the spanish philosopher Ortega y Gasset (2019), who also has an essentialist view of the love experience. For the accomplishment of the work, we fundamentally use the theoretical concepts pointed out by Plato, in the work *The Symposium*, designated as one of the first great works to deal in a philosophical way about the subject in question and the contributions of Dax Moraes (2019) about the history of love, which, in turn, made it possible to draw a chronological line on the subject, revealing the different conceptions of love that emerged over the centuries. Thereby, the bibliographic research enabled a qualitative analysis of Miguel de Cervantes' magnum opus according to the platonic conceptions of love. Given the intrinsic relationship between platonic love and loving desire in *Don Quixote de La Mancha*, it was evidenced, through the outstanding literary passages, that the love of Dulnesine, encouraged the knight to try to restore the age of chivalry.

**Keywords:** The Symposium; Plato; Love; Don Quixote.

---

\* Graduando em Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
E-mail: jose.vinicius.dias@aluno.uepb.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, pretendemos realizar uma análise da obra *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616), um romance moderno e inspirado nas novelas de cavalaria. No decorrer do enredo, observamos alguns elementos-chave nesta narrativa: a fragilidade mental do herói, a sátira, o olhar denunciador referente às mazelas sociais e questões relacionadas ao amor. Publicada em dois volumes, em 1605 e 1615, a história retrata a vida de um fidalgo que enlouquece, após ler muitos livros de cavalaria, e decide aventurar-se como cavaleiro, junto ao fiel escudeiro: Sancho Pança. Com base nos elementos anteriormente expostos, pretendemos realizar uma análise concernente ao amor platônico na relação entre Dom Quixote e Dulcinéia del Toboso. Para tanto, analisaremos as passagens da obra e o comportamento dos personagens que ratifiquem nossa delimitação.

Embora a obra retrate uma série de experiências e a “realidade” humana, a magna história cervantina nos parece subordinada ao quesito *amor*. Assim como, na mitologia grega, o amor é um deus primevo, capaz de desfazer o caos e ordenar todas as coisas em torno de si. O amor de Dom Quixote para com Dulcinéia é a razão de todos os seus feitos, da sua própria existência. Assim, de acordo com Quixote (2005, p. 183): “Ela peleja em mim, e vence em mim; eu vivo e respiro nela; nela tenho vida e ser.” Desse modo, observamos que o nosso cavaleiro é a pura encarnação do amante ideal, ao qual Platão se refere na sua obra *O Banquete*. A epistemologia do amor, em especial, desde os gregos, é compreendida consoante uma hierarquização, ou seja, um amor superior, de ordem divina, um ideal motriz capaz de dotar de sentido a vida humana, bem como observamos em nosso fidalgo, que encontra forças para continuar prosseguindo, a despeito das desventuras em suas andanças, e um amor inferior, de ordem animal, incapaz de levar o homem à felicidade.

No que diz respeito aos pressupostos teóricos, elencamos alguns estudos em que o termo *amor* seja teorizado e nos sirva de amparo teórico. Primeiramente, *O Banquete*, de Platão, servirá de sustentação para o desenvolvimento da análise, uma vez que o filósofo, inserindo Sócrates junto a outros convivas, em torno de um banquete, no qual apresentam, um após o outro, um discurso sobre o tema, após o campeonato de poesia, esquadrinha a natureza do amor, seus tipos, os mitos fundacionais que lhe fundamentam o sentido. O Banquete é uma obra singular, através da qual o personagem Sócrates, o último a discursar, afirma que o amor é um desejo por um objeto que não possuímos, reduzindo o discurso do poeta Agatão, o ganhador do campeonato e a quem todos queriam escutar, a um mero jogo de palavras retóricas. Além disso, a *História Filosófica do Amor: Ensaio para uma nova compreensão da*

*essência do amor humano*, de Dax Moraes, ajudar-nos-á a compreender as ideias acerca do amor que são apresentadas ao longo da história, segundo óticas que se diferem, embora, em alguns casos, tornem-se lados de uma mesma moeda, logo um empreendimento necessário e introdutório para adentrarmos no tema. Ademais, José Ortega y Gasset em seus *Estudos sobre o amor*, ajudar-nos-á a compreender a eleição do amor, isto é, quem Dom Quixote elegeu para amar, define quem ele é, e a natureza do seu coração. Ao correlacionarmos o *corpus*, a categoria analítica e a base teórica, observamos que o nosso trabalho é exequível e prioriza uma faceta pouco explorada criticamente do romance em questão.

Dom Quixote de La Mancha é a maior obra de Cervantes, e, de fato, uma das maiores entre a literatura universal, isso se deve à condensação de realidades humanas atemporais, das quais a obra trata, e que sempre estarão presentes na vida humana. Em especial, o amor, um dos assuntos mais discutidos entre filósofos e retratados pelos poetas e artistas, em geral, ao longo do tempo. Miguel de Cervantes retoma a verdadeira essência do amor em um personagem que está além do seu tempo, e talvez, seja por esse motivo que Dom Quixote de La Mancha conseguiu mostrá-lo tão bem, somente um homem despojado deste mundo (louco), e, portanto, dos amores vãs pelos quais nos embriagamos dia após dia, poderia amar sem reservas. Assim, ainda iluminado pelo espírito católico e medieval e pelos pensadores tradicionais, o escritor espanhol debruça-se sobre esse tema caríssimo, inerente à humanidade, semelhante à uma fonte inesgotável. Devido às especificidades do *corpus* e a nossa delimitação, julgamos ser relevante esta proposta analítica, ou seja, o amor como “motor” das ações em *Dom Quixote*.

É significativo como a Grécia, ou melhor, os pensadores gregos, após séculos e séculos continuam respondendo as nossas questões mais íntimas. Portanto, será a partir da filosofia do amor de Platão, apresentada em *O Banquete* que embasamos esta análise, uma vez que o filósofo esclareceu a base do amor, e não apenas isso, ele também estabeleceu uma espécie de hierarquia de valor, na qual existe um amor superior, que é de modo claríssimo, o amor encarnado no cristianismo. Em prol disso, basta ressaltar que um dos grandes doutores da igreja, Santo Agostinho, sofre uma grande influência da obra platônica. Em face disso, *A História Filosófica* que trata do amor, de Dax Moraes, ajudar-nos-á a entender um pouco desse trajeto inicial do amor que culmina nos pensadores modernos, esclarecer-nos-á os fundamentos que sustentam cada grande pensamento que envolveu essa realidade humana e, ademais, alertando-nos implicitamente acerca do poder que um grande pensador exerce sobre a sua geração e sobre as vindouras. Ademais, José Ortega y Gasset, em seu “neoplatonismo” nos ajudará, em última análise, a recompor essa concepção idealista do amor em nosso

imaginário, de modo a ajudar-nos a entendê-lo melhor. Assinalamos que os textos críticos e teóricos utilizados nesta pesquisa facilitarão o processo de compreensão da temática do amor em *Dom Quixote*.

Destacamos que esta é uma pesquisa qualitativa e de cunho bibliográfico, isto é, nossas fontes primárias são: livros, artigos, revistas que trataram do assunto e que foram utilizados na construção do presente trabalho. Executamos a leitura e o fichamento do texto literário, a fim de coletar os trechos mais relevantes para elaboração da pesquisa. Em seguida, fora realizada a leitura dos textos teóricos, incluindo fichamentos, etapas imprescindíveis das quais partimos para a análise crítica da obra de ficção.

O estudo está organizado em três partes, o qual será apresentado em uma sequência ordenada, a saber: Primeiramente, apresentaremos uma síntese da obra literária, dessa forma, deixando o leitor consciente do enredo; em um segundo momento, exporemos os fundamentos teóricos que embasarão o estudo e; por último, faremos uma análise da obra cervantina à luz dos pressupostos teóricos apresentados.

## **2 AS CONCEPÇÕES DE AMOR NA HISTÓRIA**

Esta análise diacrônica concernente ao amor está amparada nas contribuições de Dax Moraes (2022), o autor traceja uma cronologia do amor durante as épocas, evidenciando a maneira como a concepção amorosa se manifesta e influencia a visão de mundo dos sujeitos. Logo, o autor perscruta nos mitos, entendidos como fundacionais, isto é, que explicam objetivamente a realidade e nas reflexões de grandes pensadores, os fundamentos que sustentam o amor, que em especial, nas primeiras épocas, está ligado diretamente à própria constituição dos cosmos, como um deus antiquíssimo e uma força ordenadora e também criadora.

### **2.1 O AMOR NA ERA PRÉ-CRISTÃ**

O amor é visto, segundo cada época, por uma ótica diferente, todavia se pudéssemos ver simultaneamente todas essas concepções, veríamos que na maioria das vezes, o amor, sobretudo antes do advento da modernidade, é tido como um princípio de união. Valer-me-ei do filósofo Empédocles para introduzir uma das primeiras acepções que o mundo antigo tem

sobre o amor, uma vez que, é no tempo deste pensador que há uma primeira grande confluência de escritos sobre a temática.

Se voltarmos ao quinto ano da Era pré-cristã, veremos que Empédocles, um filósofo pré-socrático grego, entendia que o Amor ou *Philotés* era uma força natural capaz de ordenar todas as coisas e dissipar o caos. “[...] força primordial da natureza cujo atributo é aproximar e unir de modo ordenado, em corpos, as inúmeras formas que se constituem, a princípio, como no atomismo, de modo casual e transitório.” (MORAES, 2019, p. 33).

Em face disso, o filósofo ordenou toda uma cosmogonia, em que *Philotés* tinha em oposição a personagem icônica *Nikos* ou *Discórdia*. É interessante observarmos que Empédocles ao elaborar uma teoria cosmogônica sobre a concepção do universo, introduz uma personagem que, na verdade, é um contraste de *Philotés*, e isso, nos parece, dever-se ao fato de que o mundo era pensado segundo uma junção tensional entre opostos, logo, a existência do universo resulta de um equilíbrio entre partes contrastantes, um bom exemplo disto é a relação que estabelecemos entre luz e escuridão, dia e noite, os quais estabelecem uma relação de codependência. Dessa tensão, portanto, nasce o equilíbrio, que difere da noção de igualdade, e que parece permear a cosmovisão dos naturalistas.

Na História Filosófica do Amor, do professor Dax Moraes, observamos um comentário do estudioso Commelin sobre a mitologia grega, no qual nos é mostrado a relação das divindades *Eros* e seu opositor *Anteros*, que, por assim dizer, sustentam o universo, e que o desequilíbrio entre eles geraria a destruição do mundo.

Segundo nos transmite Commelin, *Eros* e *Anteros*, ou, em uma simplória tradução, *Amor* e *Antiamor*, são divindades originárias, as mais primitivas na mitologia grega [...] O fator importante a se destacar é que *Anteros* não pode ser visto como entidade negativa no sentido moral, tal como já foi dito a respeito da *Discórdia* de Empédocles: sua tensão com *Eros* é condição para que qualquer coisa exista [...] (MORAES, 2019, p. 38).

Em vista disso, podemos enxergar que a filosofia pré-socrática, extraiu da mitologia grande parte de suas explicações acerca do amor, fato é que a deusa *Harmonia*, que representa a incessante união das coisas é filha de dois contrários, por assim dizer, de *Afrodite*, a deusa do amor, e de *Ares*, o deus da guerra.

Em Hesíodo, como mostra-se em sua teogonia, vemos o advento de um novo *Eros* ou *Amor*, que nasce do *Caos*, juntamente com seus outros familiares *Noite* e *Érebo*. Esse *Eros* é responsável pela relação sexual entre os opostos, a fim de gerar a perpetuidade tanto das raças imortais quanto mortais, dessa maneira, começamos a nos aproximar da relação que há entre o amor e o desejo sexual.

Entretanto é nos grandes filósofos gregos, Platão e Aristóteles, que encontramos estudos profundos sobre a questão. Assim sendo, munidos de uma vontade de descobrir as causas do universo, intentam, claramente, a partir do que filósofos e pensadores anteriores vinham se debruçando, estabelecer fundamentos mais sólidos, que pudessem vir a clarear a verdade sobre os fatos ontológicos que rodeiam o ato de amar.

Primeiramente em Platão (428-348 a.C.), enxergamos um amor que, de fato, é um desejo de algo faltante, pois só se deseja o que não possui, nesse ponto, o homem, deveria logicamente, desejar o que é bom e belo, logo, o amor é o desejo que impulsiona o ser humano ao que há de mais superior. O filósofo, portanto, é o maior dos amantes porque a todo momento está se mantendo no caminho do bem e aspirando às verdades eternas. Apesar de que o ato sexual não pareça tomar o centro da problemática platônica, a sexualidade, ainda assim, tem uma participação muito bem definida no platonismo, uma vez que o próprio desejo de reprodução sexual nasce de uma vontade se perpetuar, ou melhor, de se eternizar. Vejamos: “Desde Platão, o amor é dividido em dois: o do corpo e o da alma.” (MORAES, 2019, p. 69).

Em face do que já foi dito, encontramos o núcleo da teoria platônica que se fundamenta na teoria do mundo das ideais, em que se arraiga as diferenças entre corpo e alma, também definido pelo doutor angélico Tomás de Aquino como o composto, tendo cada qual um fim que lhes é próprio, enquanto a alma deve ser atraída pelo divino e através da razão reger ou domar o corpo, esse deve ser o escravo da alma, um cavalo domado pela razão, que retornará ao seu estado original algum dia, ou seja, aos quatro elementos da terra de onde nasceu.

Em Aristóteles (384-322 a.C.), observamos a definição de *Philia* ou amor como a amizade que há entre pares semelhantes, nesse sentido, a abordagem aristotélica está sistematizada em um posicionamento ético e moral, a partir do qual o sujeito, imerso dentro de uma comunidade política, irá construir a sua vida. Conquanto tenhamos, na filosofia aristotélica, um amor que se distancia da relação entre opostos e até mesmo do ato reprodutor, ainda assim, expectamos um princípio de unificação, no qual o homem, movido pela razão, seria responsável por construir uma comunidade mais justa e equilibrada.

Há ainda a se observar na filosofia aristotélica a concepção de dois tipos de movimentos universais, enquanto um está pautado na agregação e união das coisas, podendo ser chamado de bem, o outro está firmado na desagregação das coisas, sendo chamado de mal, neste ponto, observamos a relação explícita que há entre aquilo que Empédocles definiu como

Philotés, isto é, a ordenação e unificação de todas as coisas concebidas e Nikos, a discórdia, que afasta, desagrada a composição do universo.

Em suma, Afrodite ao lado de Eros ou Cupido, sem dúvidas, são os deuses que marcaram a visão sobre o amor dentro da civilização ocidental, os quais ganham espaço dentro de “O Banquete”, no qual Platão explica a relação de proximidade que há entre eles, uma vez que o próprio Cupido foi procriado no festejo da deusa Afrodite.

Afrodite como a representação extremada da beleza entre os mortais e imortais está sempre ao lado de Eros, resultando no que ressalta o professor Dax Moraes:

Seu atributo principal é a beleza, vendo-se sempre seguida, ou seja, *acompanhada* pelo Amor, isto é, por Eros. Seria mais correto dizer, então, que Eros é ligado a Afrodite por uma “*philia*”, que sua *proximidade* representa a *afinidade* entre amor e beleza. (MORAES, 2019, p. 51).

Como já afirmamos anteriormente em Platão, o amor é também um desejo por aquilo que é belo, não no sentido de que devemos desejar a beleza de um corpo belo em particular, mas que ele em conjunção com todos os corpos belos indica uma ideia de beleza, residente no mundo das ideias e a qual devemos amar continuamente, sem perder de vista.

## 2.2 O AMOR COMO CARIDADE

A partir deste momento, adentramos um período em que o amor se envolve de uma verdadeira caridade cristã, assim no principiar da idade medieval, temos o grande bispo e doutor da igreja católica, Santo Agostinho de Hipona, que defende um amor de ordem divina, construído sobre a base do livre-arbítrio, sem o qual seria impossível qualquer ser humano amar divinamente.

Por assim dizer, precisamos entender que toda a filosofia cristã agostiniana sobre o amor está sedimentada em grande parte no platonismo, como afirma Dax Moraes: “[...] o idealismo platônico é o ponto de partida de toda a compreensão agostiniana do Cristianismo (MORAES, 2019, p. 142)”. Desde já, para Agostinho, semelhantemente a Platão, há uma hierarquia entre as coisas criadas, isto é, tudo que se refere a matéria propriamente dita e está ligada aos sentidos é de ordem inferior, assim como é o amor entre os animais, e tudo que tem uma natureza fundamentada na essência divina, na vida da razão, está em uma ordem superior. Não obstante, todo o mundo inferior ou criado é uma imagem de um mundo superior; logo, aquele, presente no mundo sensível, traz consigo vestígios de Deus, a partir dos quais o homem pode vir a conhecer as bem-aventuranças.

Na perspectiva medieval do amor, na visão da igreja, observamos o seguinte posicionamento de Santo Agostinho: “Para o bispo Agostinho, o amor é a coincidência de sujeito e objeto em uma união.” (MORAES, 2019, p. 138). Sendo assim, o amor agostiniano está baseado em um autoconhecimento, a partir do qual o sujeito busca conhecer Deus, velado dentro de si por causa do pecado original, e o conhecendo intimamente, ama-o de volta com amor do próprio Deus. Um amor que tem como princípio e finalidade Deus.

Quando Agostinho diz que o amor é a coincidência de sujeito e objeto, isto significa que a coisa conhecida é a mesma que conhece – incidem juntas *no* mesmo e *como* o mesmo –, ou seja, amar é estar unido consigo mesmo no autoconhecimento. (MORAES, 2019, p. 139).

É um amor renovado, que ressuscita de um egoísmo profundo, e que ama de modo sobrenatural, por conseguinte, começamos a amar perfeitamente e infinitamente unido Àquele que é o próprio amor encarnado, Jesus Cristo, o amor ágape, contrário ao amor baseado no próprio instinto sexual.

Todavia, para alcançar este conhecimento divino para que, de fato, comece o amor, é necessário que o sujeito, imerso em uma ascese, subordine os sentidos, princípio de dispersão, à razão, de modo que ame a imagem divina que reside no outro ser humano e despreze um amor egoísta, dotado de preferências, que prefere amar um e outro em particular. Em vista disso, podemos afirmar acerca da concepção agostiniana (2019, p. 141): “O amor a si, tal como o compreende Agostinho, não tem como objeto próprio *esta pessoa* que sou, mas o “si mesmo” como *imagem* de um bem”. Assim, em todo homem, existe Deus, ou melhor, esse “si mesmo”, e é a partir dessa imagem divina que, por conseguinte, o ser humano pode amar o outro divinamente.

### 2.3 O AMOR MODERNO

Na modernidade, o filósofo alemão Nietzsche apresenta um amor que denominou de Fati, que tem como fundamento a aceitação total do fado e do sofrimento humano, isentando-se de qualquer apoio divino ou instituição que lhe amenize o peso da liberdade.

Diferentemente das concepções tradicionais sobre o amor, que aprofundam na benevolência daquele que ama, o pensador é lembrado por “[...] reduzir o amor ao egoísmo.” (MORAES, 2019, p. 392). Deste modo, o filósofo afirma que por trás do que chamamos amor, paixão ou ainda compaixão existe um egoísmo, um desejo de possuir o outro, de ser-lhe

superior, de coisificá-lo, a fim de realizarmos os nossos próprios desejos, fazer do outro um meio para se realizar na vida.

Todavia, o pensador, ao debruçar-se sobre o *Amor Fati*, defende uma forma de amor humana e verdadeira (2019, p. 393): “Devem ser iguais em um sentido muito especial: o de querer mais do que a si e do que um ao outro.” É uma maneira de amar, na qual o sujeito, de algum modo, pleno de si, alegre e exultante em sua condição mortal, consciente das duras penas desse mundo, ama, sem que o outro seja apenas um meio através do qual se sentirá pleno ou, miseravelmente, fará do outro uma peça de xadrez, movendo-a quando necessário para alcançar os seus objetivos pessoais.

O filósofo existencialista Sartre constrói toda uma visão sobre o amor ancorada sobre a problemática da liberdade. A tese central de Sartre é a seguinte: “existência precede a essência [...] afirmação [...] de que somos criadores de nós mesmos, não criaturas de Deus ou da Natureza.” (MORAES, 2019, p. 296). Segundo o pensador, nenhuma espécie de Deus ou qualquer determinação essencialista pode ser atribuída ao homem, uma vez que o ser humano é fruto das suas ações, logo é responsável pelos efeitos bons ou maus que delas decorrem.

Ainda sobre a liberdade: “A “obrigação de ser livre”, nesse caso, consiste no fato incontornável – por isso *fatal* – de que tudo o que é resulta de sua decisão, mesmo quando se trata de nada escolher” (MORAES, 2019, p. 398). Cada homem, por assim dizer, carrega o peso da liberdade que é exercida mediante o ato de escolher as possibilidades que lhe aparecem no decorrer da sua vida.

Todo ser humano, nesse sentido, é um constructo de suas ações. A partir das suas atitudes, ele vai dando o contorno da sua vida, sendo assim, os homens não podem utilizar elementos como a cultura e as instituições que “regem” a vida humana, para diminuir em si a gravidade de sua liberdade.

Tendo em vista o que fora apresentado, o amor faz surgir um problema: “O desejo de retribuição, e não apenas sua exigência, já indica a pretensão de tornar nossa liberdade maior do que é lícito e legítimo, fazendo com que se a exerça sobre o amado. Mas não só isso: na expectativa, o amante também se coloca na dependência do que é alheio.” (MORAES, 2019, p. 399-400). Para ele, há o perigo, de os amantes usarem a sua liberdade, como meio para exercerem um domínio sobre o outro, confiscar-lhe a liberdade, exigir um compromisso, que, nesse sentido, proíbe o outro a determinadas ações. Um exemplo disto é a monogamia que veta o outro de estabelecer relações amorosas com mais de uma pessoa. Assim, o amor se tornaria uma espécie de “instituição” fundada pelo homem, que se torna perigosa, na medida em que reduz o livre-arbítrio.

Após esta discussão preliminar sobre o termo “amor”, faremos uma breve introdução sobre as novelas de cavalaria e partiremos para o segmento analítico.

### 3 AS NOVELAS DE CAVALARIA

É imprescindível que visitemos o gênero novela de cavalaria, já que é a partir dele que o Miguel de Cervantes estruturou a essência da obra *Dom Quixote de La Mancha* e estabeleceu uma irônica crítica a este grande gênero de origem medieval. De antemão, quando tratamos de *Dom Quixote de La Mancha*, estamos falando de um marco divisor entre o passado feudalista e a o nascituro de uma literatura moderna, como ressalta Lopes, com base no pensamento de Antoine Compagnon: “seu livro é “obra de interseção” do romance de cavalaria e do romance moderno, exigindo de seu público uma familiaridade com o gênero que pretende parodiar.” (LOPES, 2009, p. 149). Sendo assim, estamos diante de um autor, que constrói um romance moderno com uma narrativa fundada numa dimensão medievalista, o próprio ato do cavaleiro em tentar ressuscitar o mundo medieval da cavalaria dentro de um mundo já transformado pelo movimento antropocêntrico é um modo de demonstrar essa mescla entre o que se foi e o que se é.

Em vista disso, podemos afirmar veementemente que a origem das novelas de cavalaria é de ordem medievalista, como afirma Lopes (2009, p. 159): “[...] literatura genuinamente cristã — já que, do ponto de vista de sua estrutura formal, não possuiu antecedentes clássicos como a tragédia, por exemplo [...]”, o próprio conteúdo central que move a obra, isto é, um cavaleiro cristão movido por uma paixão de ordem divina, que defende os mais fracos e que busca estabelecer a paz através de suas virtudes heroicas, é um espelho de uma sociedade teocêntrica, em que a influência literária do paganismo grego e romano seria impossível.

Como afirmado anteriormente, os cavaleiros das novelas de cavalaria são uma representação fictícia de uma realidade medieval, em vista disso, baseando-nos no artigo “Explorando um gênero literário: os romances de cavalaria”, podemos dizer que os cavaleiros, em geral, eram varões de uma casta nobre, que precisavam passar por uma série de etapas, como a de escudeiro, para que pudessem exercer a profissão de armas, que, por sua vez, era consagrada pela fé cristã. “De acordo com a interpretação de alguns medievalistas, os “bons e gloriosos” tempos da literatura cavaleiresca parecem coincidir com os séculos XII e XIII. Essa foi a época de maior esplendor da cavalaria medieval.” (LOPES, 2009, p.152).

A literatura, denominada de novela de cavalaria, passou a retratar a vida desses pelejadores medievais, obviamente, introduzindo elementos de uma fantasia desmedida, como gigantes, monstros horripilantes e pelejas inimagináveis, tendo como o magno berço a cultura francesa, embora tenha sido disseminada por toda a vastíssima sociedade europeia.

É substancial como Miguel de Cervantes parece construir a sua grande obra a partir de uma intensa ironia, e de fazer o já “velho” Dom Quixote um espelho de uma realidade aristocrata, contagiada pelo vício passional e incessante em ler volumes e volumes de narrativas que extrapolavam qualquer bom senso e que deram frutos a ideias e invenções desmedidas, como relata Lopes (2009, p. 158-159): “[...] segundo a ironia de Voltaire, destinava-se a preencher o vazio da existência e a alimentar a imaginação de aristocratas ociosos em suas longas tardes de inverno.” Sendo assim, Miguel transforma um fidalgo de bom senso em um louco por muito amar narrativas cavaleirescas, e pelas quais, só para elas, parecia viver. Além disso, como já visualizado na citação acima, esta é uma literatura usufruída pelas grandes castas das épocas, como aristocratas e eclesiásticos.

O “final feliz” é uma das características essenciais nas novelas de cavalaria, como observamos no grande romance de Amadis de Gaula, em que Amadis, depois de grandes desventuras e peripécias, que mais se parecem com grandes labirintos, consegue se casar com Oriana, embora a casta *societal* da princesa seja, de certo modo, inalcançável pelo cavaleiro. Já em Quixote, enxergamos um final que se destoa do que comumente acontece nas aventuras de cavalaria, em que há a morte infeliz do cavaleiro, finalmente reconhecendo o disparate que foi se aventurar em tamanhas loucuras, além de receber a extrema unção por todos os seus pecados, e nesse ponto, expectamos uma das grandes características dos romances modernos, que é uma certa desesperança frente aos términos, a ideia de que a felicidade, nem sempre é o fechamento de todas as histórias.

Não podemos deixar de discorrer sobre um dos grandes fenômenos dessa literatura, a galanteria: [...] “a ideia de paladinos protetores da virtude e da beleza das mulheres levou à noção de galanteria. [...]” (LOPES, 2009, p. 153), a partir desse ponto, temos uma literatura engajada, mais do que nunca, em um amor platônico, num erotismo transcendente, que é capaz de mover o herói medieval pelas aventuras mais perigosas e, portanto, torná-lo obstinado em lograr a honra das vitórias, como é visto nas penitências que os cavaleiros andantes se autoimpõem até que consigam sair vitoriosos, a título de exemplo, o próprio Dom Quixote imitando a penitência de Beltenbros.

Em vista do que já fora mencionado, as novelas de cavalaria carregam a essência daquilo que é a essência das cantigas trovadorescas, no que diz respeito à poesia lírica, um

homem, ou melhor, um vassalo apaixonado platonicamente por uma mulher nobre, inalcançável. Assim é Quixote, um cavaleiro medieval, que ama puramente uma mulher transcendente, a qual lhe dá forças para continuar caminhando. Isso leva-nos a pensar que, a própria inalcançabilidade de Dulcinéia, é o combustível para que Dom Quixote continue na jornada de restituir a cavalaria andante nos tempos modernos. Do contrário, se o cavaleiro estivesse alcançado o amor da sua donzela, ele já não amaria, pois, o amor é sempre um desejo de algo que não temos e que nos impulsiona para o verdadeiro caminho, como nos esclarece Platão. Dessa maneira, a obra quixotesca estrutura-se em torno de um amor medieval, mas em um mundo que já despreza um amor de ordem divina, e que se debruça a entender a realidade amorosa à luz de um antropocentrismo, no qual o homem é o centro e Deus, uma mera alucinação.

#### 4 ANÁLISE TEXTUAL

O amor é uma realidade que caminha ao lado do homem, desde que o mundo existe, a partir dele, artistas de todas as artes se propuseram a explicá-lo e a religião deu-lhe o centro de sua força, como no cristianismo. Tratemos, portanto, de um amor divino encarnado na obra magna de Cervantes, mediante o qual Dom Quixote deposita toda a sua vida e dele recebe forças para ressuscitar um tempo já esquecido: “Ó Dulcinéia del Toboso, dia da minha noite, glória da minha pena, norte dos meus caminhos, estrela da minha ventura [...]” (SAAVEDRA, 2005, p. 146). Observamos nesta citação que o amor do protagonista funciona como um combustível em sua busca, ou seja, a restauração da Idade Média.

No amor do cavaleiro espanhol, ressaltamos nitidamente *essa beleza* que é inerente à concepção do amor platônico, uma vez que Dulcinéia é, ela mesma, a encarnação de uma beleza indescritível. Notemos:

[...] sua formosura sobre-humana, pois nela se realizam todos os impossíveis e quiméricos atributos de formosura, que os poetas dão às suas damas; seus cabelos são ouro; a sua testa campos elísios; suas sobranceiras arcos celestes; seus olhos sóis; suas faces rosas; seus lábios corais; pérolas os seus dentes; alabastro o seu colo; mármore o seu peito; marfim as suas mãos; sua brancura neve; e as partes que à vista humana traz encobertas a honestidade são tais (segundo eu conjecturo) que só a discreta consideração pode encarecê-las, sem poder compará-las. (SAAVEDRA, 2005, p.74-75).

O belo se estabelece como um bem de ordem divina, presente no que é amável, isto é, naquilo que impulsiona, e, não no feio, que não é estimável. Mediante esta especificidade do amor, Dom Quixote pode se extraviar na jornada ou em batalhas, porém sempre se manterá de

pé e lutando contra as intempéries, mesmo que elas pareçam impossíveis. Portanto, a beleza de Dulcineia é um dos princípios ativos inerentes ao amor, que revitaliza constantemente o cavaleiro para o seu próximo embate.

Observamos conjuntamente na menção acima um fator preponderante: ao intentar restaurar o período medieval, o amor, mediante sua perspectiva, já está em consonância com aquilo observado na Idade Média, ou seja, uma idealização exacerbada e perfeita de um ente inatingível. Dito isto, a restauração em questão já está em andamento, na visão de Dom Quixote, embora essa “ressurreição” dos tempos de cavalaria seja, na realidade, impossível. Portanto, tanto o objetivo de Dom Quixote, quanto o amor, com o qual ele intenta essa façanha, estão sob um mesmo invólucro fantasioso, irrealizável no mundo empírico.

Voltando ao Banquete, observemos a exposição da sacerdotisa Diotima que define o amor como um demônio intermediador e com o seguinte encargo:

O de interpretar e transmitir aos deuses o que vem dos homens, e aos homens o que vem dos deuses, de uns as súplicas e os sacrifícios, e dos outros as ordens e as recompensas pelos sacrifícios; e como está no meio de ambos ele os completa, de modo que o todo fica ligado todo ele a si mesmo [...] (PLATÃO, s.d., p.36).

Isto revela a capacidade que o amor tem em ser esse mediador para nós, em dar-nos a possibilidade de acessarmos a “esfera divina”, de termos contato com a *realidade suprema*. Quixote, por sua vez, tem no amor que sente por Dulcineia, uma ponte que o torna virtuoso, faz-lhe corajoso, coloca-o no caminho do bem, livrando os fracos das desventuras. Sendo assim, esse amor tem a função de mediador, fazendo-o se aproximar daquilo que reside no plano das ideias eternas, ou seja, tudo aquilo que as virtudes têm por objeto, todos os bens puros. Nesse sentido, a contemplação amorosa e constante de sua bem-amada impulsiona-o na conquista das virtudes, que, por consequência, leva o cavaleiro a aspirar não os vícios que fecham o sujeito em um ciclo “vicioso” e que bloqueiam a sua visão das ideias superiores. Vejamos, por exemplo, essa resposta que Dom Quixote dá a Sancho a respeito de sua amada: “Lá a sua linhagem importa pouco; não hão-de ir tirar-lhe as inquirições para dar-lhe algum hábito; para mim faço de conta que é a mais alta Princesa do mundo” (SAAVEDRA, 2005, p. 149).

A percepção do cavaleiro não está voltada para a imagem sensível da Dulcinéia, que corresponde a uma mulher oposta ao que ele idealiza; mas, para a imagem, embora criada mentalmente, daquilo que torna Dulcineia a melhor entre as mulheres, a que carrega e encerra em si tudo quanto pode existir de belo, portanto, bom e perene. Esta imagem platônica do ser amado é a única que, de fato, vale a pena para o cavaleiro, dado que Quixote não está

preocupado em satisfazer egoisticamente seus desejos carnaís; mas, em altruisticamente ajudar os que necessitam; e, neste ponto, Dulcinéia dá-lhe “fôlego”. Quantas vezes na narrativa não vemos o cavaleiro pedir socorro a sua bem amada: “— Ó senhora da minha alma, Dulcinéia, flor da formosura, socorrei a este vosso cavaleiro, que, para satisfazer a vossa muita bondade, se acha em tão rigoroso transe.” (SAAVEDRA, 2005, p. 57).

O amor é um fruto da liberdade, aquele que não pode escolher o que quer amar, não ama, dessa maneira, todo homem, que é dotado de razão, é livre e tem a capacidade de amar, diferentemente dos animais que não escolhem, mas que agem de acordo com o “script” da espécie. Santo Agostinho esclarece-nos acerca da natureza do livre-arbítrio: “Assim surge a ideia de livre-arbítrio, como aquilo que confere ao ser humano a vontade livre de decidir seguir um ou outro caminho.” (TOMASEVICIUS FILHO, 2006, p. 1083). Dom Quixote não fora obrigado a seguir as suas aventuras, a querer ressuscitar a era dos cavaleiros medievais na sua época, muito menos foi coagido a amar a Dulcinéia. Contudo, a amada é o seu enteio e fortaleza em suas aventuras. Observemos o trecho abaixo:

Dizei-me, socarrão de língua viperina, quem julgais que foi o conquistador deste reino, e o que decepou a cabeça deste gigante, e vos fez a vós Marquês (que tudo isto o dou eu já como feito e processo findo), se não é o valor de Dulcinéia, fazendo de meu braço instrumento de suas façanhas? (SAAVEDRA, 2005, p. 183).

O cavaleiro andante amava, de fato, a liberdade. Por meio dela, ele toma as suas decisões baseadas, segundo ele cogita, no que era “melhor”. Lembremos alguns momentos: salvar os galés das correntes, embora malfeitores; livrar um escravo dos açoites do seu senhor etc. Assim, como o livre-arbítrio é uma dádiva dos céus, nada mais justo que utilizá-la em favor do que é superior. Dom quixote expõe que:

A liberdade, Sancho, é um dos dons mais preciosos que aos homens deram os céus: não se lhe podem igualar os tesouros que há na terra nem os que o mar encobre; pela liberdade, da mesma forma que pela honra, se deve arriscar a vida; e, pelo contrário, o cativo é o maior mal que pode acudir aos homens (SAAVEDRA, 2016, p.1031).

A liberdade, portanto, se usada corretamente nos aproxima, segundo Agostinho, do que a filosofia denominará de “causa eficiente”, isto é, de Deus. Ao aderirmos ao plano divino, seremos felizes, pois estaremos vivendo de acordo com que está inscrito em nossas almas, desde antes dos nossos nascimentos. Vejamos, pelo prisma agostiniano, a estruturação dessa do maniqueísmo: “logo, a fonte do mal é o próprio ser humano, que, por livre decisão, afasta-se de Deus e, conseqüentemente, cria o mal.” (TOMASEVICIUS FILHO, 2006, p. 1083). Assim sendo, o nosso protagonista via na sua profissão de cavaleiro, uma forma de

aproximar-se de Deus, executando os seus desígnios, exercendo a sua justiça na terra, uma vez que os cavaleiros medievais, a exemplo dos Templários, eram homens que lutavam em nome de Deus. O Quixote explana sobre sua profissão de fé.

Venho a dizer que os religiosos, com toda a paz e sossego, pedem ao céu o bem da terra; e nós, os soldados e cavaleiros, executamos o que eles só requerem, porque a defendemos com o valor do nosso braço, e ao fio da nossa espada, não debaixo de teto, mas em campo descoberto, oferecidos em alvo aos insofridos raios do sol do verão, e aos arrepiados gelos do inverno. Deste modo, somos ministros de Deus na terra, e braço pelo qual se executa no mundo a sua justiça. (SAAVEDRA, 2005, p.73).

Mesclado à sua profissão de fé, Ortega y Gasset (2019) destacam um fator que se associa à construção moral de Dom Quixote: “É o amor um ímpeto que emerge do mais subterrâneo de nossa pessoa, e ao chegar ao visível da vida, arrasta em aluvião algas e conchas do abismo interior. (ORTEGA Y GASSET, 2019, p. 149). Com base nesta menção, podemos inferir o que fez D. Quixote escolher Dulcinéia como a sua amante ideal. De acordo com Ortega y Gasset, a eleição do amor não é um fruto do acaso, mas é uma decisão tomada desde o centro de nossa alma, que ele define como coração, ou seja, é anterior e diferente da nossa personalidade, constituída mediante uma apropriação de elementos culturais. O coração, portanto, como a nossa essência, não está determinado por fatores culturais, sociais ou históricos. O filósofo espanhol constata que somos, por assim dizer, conduzidos por ele: “[...] esse núcleo do coração, é, com efeito, secreto: o é em boa parte para nós mesmos, que o levamos dentro – melhor dizendo, que somos levados por ele.” (ORTEGA Y GASSET, 2019, p.138). Assim, se Dom Quixote é guiado pelo seu coração, então a narrativa, a história, na qual ele decide embarcar, por vontade própria, expressa, de modo geral, o que ele é realmente e o que ele ama. Um homem de alma enorme, sonhador e virtuoso, porque amar Dulcinéia é nada mais, nada menos que o arquétipo de um amor perfeito e virtuoso, ou seja, o amor medieval.

Dom Quixote, embora tenha sido um homem sábio, é considerado um dos personagens mais loucos da história da literatura universal, entretanto, há um momento, em toda a história, que Dom Quixote demonstra um estado de lucidez. No momento em que Sancho lhe apresenta uma camponesa, afirmando-lhe ser ela a Dulcinéia del Toboso, o protagonista diz que seu escudeiro está enganado, que uma simples camponesa, desprovida de uma beleza inefável, não poderia ser sua amada. Conquanto Dulcinéia seja um devaneio do Quixote, não poderíamos negar que a experiência de amar um outro ser humano devolveu, nem que seja por um único instante, uma certa consciência ao cavaleiro, que não poderia, de modo algum,

ser enganada. Desse modo, o amor pela Dulcinéia idealizada faculta ao protagonista da obra discernir entre o mundo concreto e o das ideias perfeitas (platônico).

Aliás, estes estados de lucidez parecem ser um dos subterfúgios, mediante os quais Dom Quixote, a despeito do que a realidade mostra, tenta se convencer, cada vez mais, que sua visão quimérica da realidade é o que está verdadeiramente acontecendo.

— Aí tens tu como aquele ladrão do sábio meu inimigo faz aparecer e desaparecer as coisas — disse D. Quixote; — podes crer, Sancho, que aos tais é fácil figurarem-nos tudo que lhes lembra; e este maligno que me persegue, invejoso da glória que viu me adviria desta batalha, transformou os esquadrões dos inimigos em fatos de ovelhas; (SAAVEDRA, 2005, p. 102).

Portanto, não é suficiente que a realidade mostre para o cavaleiro que, na verdade, as ovelhas são somente ovelhas e nem bélicos guerreiros, uma vez que, ele verá isso como um embuste de um feiticeiro que tenta esconder a verdade dos fatos e que, logo, as ovelhas são temidos guerreiros apenas com a aparência dos animais.

A realidade, nesse sentido, está a todo instante sofrendo intervenções supranaturais, dado que o mundo sensível por estar em constante mutabilidade, pode, de alguma maneira, ser modelado por forças sobrenaturais, assim, à semelhança da teoria platônica, o mundo dos romances de cavalaria são plásticos e inconstantes porque são apenas uma imagem “capenga” de um mundo imutável e que esse, por sua vez, não pode sofrer influência do mundo dos sentidos. A sua amada é aquela que pode estar intervindo constantemente no plano das mutabilidades e oferecer ajuda.

Na luta contra o biscainho, Quixote abertamente clama por Dulcinéia, como a lhe pedir forças para marchar contra o hostil inimigo. Vejamos: “— Ó senhora da minha alma, Dulcinéia, flor da formosura, socorrei a este vosso cavaleiro, que, para satisfazer a vossa muita bondade, se acha em tão rigoroso transe.” (SAAVEDRA, 2005, p. 57). Este é um dos fatos bem recorrentes na história, por conseguinte, parece que o cavaleiro não é apenas movido por suas próprias forças, mas também por uma que, de algum modo, vem do alto, de um plano superior e o próprio ato de rogar é uma maneira de se apossar dessas forças e usá-las para combater. Evidentemente, o ato de rogar ou clamar está muito conectado às práticas religiosas, as quais pedem sempre a intercessão de um plano divino, nesse ponto, Dulcineia parece assemelhar-se à uma entidade sobrenatural. Humilhar-se diante da amada inatingível não parece ser um obstáculo, já que, com muita recorrência nos romances de cavalaria, o cavaleiro é aquele que está abaixo da amada, como se, de fato, um estivesse num plano sensível e outro em um superior.

Poderíamos tecer uma consideração sobre o seguinte fato: E se Dom Quixote fosse enganado? Se esta possível premissa se realizasse, não mais existiria o amor; pois, ele alcançaria a amada, como nos ressalta Platão e um último golpe cheio de energia não seria desferido. Observamos um trecho do romance que fundamenta o nosso pensamento: “O dizer isto, apertar a espada, cobrir-se bem com a rodela, e arremeter ao biscainho, foi tudo um, indo determinado de aventurar tudo num só golpe.” (SAAVEDRA, 2005, p. 57). Logo, não tendo mais esse amor inatingível, com o qual é impelido a avançar nas aventuras, também não conseguiria alcançar o objetivo de restaurar a idade média ou mesmo desferir um golpe de misericórdia em seu oponente. Este fator derradeiro sinaliza ou demonstra o papel de Dulcinéia no desenvolver da trama quixotesca; pois, ao destacar todos os pormenores sobre o amor de Dom Quixote, percebemos que sua amada é o impulso para o cavaleiro agir, o amor destinado à Dulcinéia é o “motor” para as ações do protagonista.

As narrativas modernas, diferente das narrativas tradicionais, parecem encontrar o seu eixo na psicologia humana, dotada de complexos mal resolvidos e dos problemas quase insolúveis. As novelas de cavalaria, em seu cerne, apresentam um desfecho positivo ante os heróis em as suas conquistas. As histórias pós-medieval desenham na literatura homens de fato “humanos”. Nessa perspectiva, o leitor de Dom Quixote, que, por sinal, vive num modernismo crescente, poderia esperar que Dulcinéia, aquela que é a razão motivacional, através da qual Dom Quixote intenta/impulsiona os seus feitos, aparecesse e se unisse ao cavaleiro, como dois amantes normais. Entretanto, a irrealização amorosa é tão comum na vida cotidiana do homem quanto na própria literatura moderna. Nesse ponto, a obra quixotesca se apropria da essência das narrativas modernas, uma vez que nem o cavaleiro, nem a sua amada se unem, nem, ao menos, se veem.

Em suma, um retrato infeliz de uma trama amorosa marcada por uma distância intransponível entre os amantes, que embora seja marcada por uma visão essencialista do amado, não deixa de culminar em desenlace. Ainda assim, se pudéssemos conceber uma união concreta entre os dois personagens, encontraríamos a morte de Dom Quixote, uma outra pedra no caminho, que resultaria numa impossibilidade definitiva da união entre os apaixonados.

Durante a narrativa, Dom Quixote é chamado o da “Triste Figura” porque há nele qualquer coisa de irrealizável, um homem fadado a um passado enterrado, que não pode ser restaurado, de maneira alguma. O mundo quixotesco é quimérico, sua amada é uma ideia pura, alcançada apenas pela inteligência. Seu objetivo é um devaneio motivado pelo amor. O que resta a um homem que sempre vive em um perpétuo sonho? A resposta é simples, não

sobra nada. A morte do cavaleiro enterra consigo sonhos irrealizados, um “Happy End” à semelhança dos romances de cavalaria não ocorre. Dessa forma e simbolicamente, a estrutura narrativa do romance moderno irá funcionar como mais um elemento que impossibilita a restauração do medieval por Dom quixote.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude da análise, observamos que a obra Dom Quixote de La Mancha, no que concerne ao amor, retoma o amor platônico nas figuras do fidalgo e Dulcinéia, sob uma perspectiva cristã, dado o contexto medieval. A transcendentalidade do amor quixotesco, por sua vez, dialoga com a perspectiva de um amor essencialista em Ortega y Gasset, dado que a abordagem do filósofo espanhol parte do pressuposto de que o ato de amar advém de um núcleo vital da alma, que independe de quaisquer fatores históricos e ideológicos, ou seja, uma espécie de neoplatonismo.

A pesquisa, nesse sentido, contribui para mostrar o sucessivo desenvolvimento no tempo de um fenômeno de ordem quase metafísica, que, de algum modo, em especial, pelas artes e a literatura, pode ser retomado sob formas e prismas diferentes, sem que se perca o seu sentido fundamental, isto é, apesar das diferenças culturais existentes entre o paganismo grego, em *O Banquete*, e a obra de Miguel de Cervantes, cujo conteúdo e estrutura ancoram-se respectivamente no medievalismo e no modernismo, observa-se uma conexão direta entre as duas obras. Portanto, o amor que o protagonista da narrativa espanhola expressa pela sua amada, Dulcinéia del Toboso, é, de fato, um amor platônico, que impele o amante no decurso do enredo.

Assim, por fim, o trabalho explicita uma das grandes facetas do amor, que tem uma origem teórica e filosófica nos gregos e um desenvolvimento histórico substancial, que começa a ser menosprezado pelos pensadores modernos. Dessa maneira, também tentamos mostrar para o leitor moderno, imersos nas teorias psicanalistas e numa concepção, por assim dizer, animal do homem, uma visão essencial do amor, que por ser ela mesma “essencial”, não deixa de ser o elemento fundamental na constituição do amor humano.

## REFERÊNCIAS

LOPES, Marcos A. Explorando um gênero literário: os romances de cavalaria. **Scielo Brasil**, v. 16, n. 30, p. 147-165, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/WK84DnyJvPBBSQvk8dhHyGM/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 26 mar. 2022.

MORAES, Dax. **História filosófica do amor: Ensaio para uma nova compreensão da essência do amor humano**. Natal, RN: EDUFRN, 2019.

ORTEGA Y GASSET, José. **Estudos sobre o amor**. Tradução de Wagner Schadeck. Campinas, SP: Vide Editorial, 2019.

PLATÃO. **O banquete**. [S.I.]: Virtual books, [s.d.].

PLATÃO. **O Banquete**. Tradução de Donaldo Schüler. Porto Alegre, RS: L&PM POCKET, 2019.

RUBIRA, L. . O AMOR FATI EM NIETZSCHE: CONDIÇÃO NECESSÁRIA PARA A TRANSVALORAÇÃO?. **Polymatheia - Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 4, n. 6, p.227-236, 2021. Disponível em:

<https://www.revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/6516>. Acesso em: 25 mar. 2022.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. **Dom Quixote de La Mancha**. Tradução de Conde de Azevedo e Visconde de Castilho. São Paulo: Martin Claret, 2016.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. **D. Quixote Vol. I**. Tradução de Francisco L. de A. V. de F. B. P. P. e Sá Coelho. [S.I.]: EbooksBrasil, 2005.

TOMASEVICIUS FILHO, E. O conceito de liberdade em Santo Agostinho. **Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo**, [S. l.], v. 101, p. 1079-1091, 2006.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67734>. Acesso em: 26 mar. 2022. Acesso em: 25 mar. 2022.